

FHC costura apoio no Congresso e oposição agora quer CPI do apagão

Ricardo Amaral
De Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso começou a tecer ontem a rede de apoio parlamentar para o combate à crise de energia, em meio a manifestações contra aumento de tarifas e severas críticas ao governo, vindas de sua própria base parlamentar. "Os planejadores do governo deram uma demonstração cabal de incompetência, que não se admitiria em Uganda", disse o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA).

Fernando Henrique foi informado de que será inevitável a criação de uma Comissão especial do Congresso para acompanhar os trabalhos da Câmara de Gestão da Crise de Energia (GCE). O deputado Virgílio Guimarães (PT-MG), ligado ao governador Itamar Franco, obteve 182 assinaturas (11 a mais que o míni-

mo) para a criação de uma CPI da Crise de Energia, que o governo tentará evitar.

A insegurança do presidente em relação à crise é tão grande que ele determinou que as concessionárias façam nova medição dos níveis de água no reservatórios das usinas hidrelétricas. Ele não confia na informação do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), de que as reservas estariam em 33% da capacidade. O presidente repetiu aos líderes do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), e na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), que foi surpreendido pela crise, mas não definiu responsabilidades entre a equipe econômica e os antigos gestores do sistema, indicados pelo senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Fernando Henrique precisa garantir maioria no Congresso para manter intacta a Medida Provisória que cria o GCE e outras

que devem se seguir. O Congresso também terá de aprovar remanejamentos de verbas do orçamento, para permitir novos investimentos das estatais. "Sem uma base política estável e unida em torno do programa, será difícil enfrentar o problema", disse o líder do Governo no Congresso, deputado Artur Virgílio (PSDB-AM). "É preciso comprometer o Congresso com a solução", disse Renan Calheiros.

Jader Barbalho aproveitou a crise para, mais uma vez, atacar a equipe econômica, que considera a principal responsável pela crise. "Só têm pose e arrogância", disse. "Deram até o discurso para os baianos se desculparem; dirão que pediram mais investimentos e o Ministério da Fazenda negou". O presidente do Senado, no entanto, disse que não é o momento de buscar culpados, no mesmo tom do presidente da República. "Punições tinham de ter

ocorrido lá atrás, agora só atrapalhariam ainda mais", disse.

Para comprometer o Congresso, Fernando Henrique decidiu admitir, como convidados da GCE, os presidentes da Comissão de Infra-estrutura do Senado, José Alencar (PMDB-MG), da Comissão de Minas e Energia da Câmara, Antonio Cambráia (PSDB-CE), por sugestão dos líderes do PMDB. A coordenação política da crise contará com a participação do diretor-geral de Itaipu, ex-deputado Euclides Scalco, que dirigiu a campanha da reeleição de FHC e é um dos políticos mais ligados a ele.

A proposta de CPI dividiu a esquerda. O líder do PT no Senado, José Eduardo Dutra (SE) disse que "o problema é técnico" e insistiu na CPI da Corrupção. Nove deputados que retiraram assinaturas da CPI da Corrupção assinaram a da Crise de Energia. (Colaborou Marluza Mattos)